



NÓS LEMOS

MICROCOMPUTADORES EM BIBLIOTECAS

BURTON, Paul F.; PETRIE, J. Howard — *Introducing Microcomputers: A guide for Libraries*. Wokingham, van Nostrand Reinhold, 1985. VIII, 243 p.

Para o estudo que se propõe fazer sobre a temática em epígrafe, o autor parte da ideia de que o microcomputador é uma realidade, mas que o seu impacto no mundo da recuperação da informação e das bibliotecas está menos marcado do que em muitas outras áreas, em princípio porque os bibliotecários têm uma certa incerteza relativamente àquilo que o microcomputador é capaz de fazer no contexto de uma biblioteca.

Paul Burton propõe-se considerar, nesta obra, a necessidade de recuperação da informação e outras rotinas de biblioteca, e mostra como essas funções podem ser levadas a cabo com um microcomputador. Concede especial

atenção ao *Software* dado que, segundo ele, sem *software* um computador é apenas uma colecção de circuitos electrónicos. Procede a discussões acerca dos programas convenientes para cada aplicação e apresenta, em apêndice, uma lista detalhada acerca do *Software* específico para bibliotecas.

Dos capítulos que constituem a obra destaca-se, em especial, o quinto, onde são focadas diversas aplicações dos microcomputadores: no controlo de séries, no controlo de circulação, no das aquisições, na catalogação e criação de ficheiros, na indexação, na difusão selectiva da informação, no empréstimo inter-bibliotecas, nas bases de dados não bibliográficos, nos catálogos colectivos, na formação de utilizadores, nas redes temáticas locais.

Isabel Faria

«UM ESPAÇO PARA O LIVRO»: UMA TRADUÇÃO NECESSÁRIA E OPORTUNA

**HENRIQUE M. BARRETO
NUNES**
Biblioteca Pública de Braga
— Univ. Minho

Podemos considerar, sem receio de exagerar que, para os bibliotecários, a publicação em língua portuguesa da obra de Jacqueline Gascuel, *Um espace pour le livre* (1) foi um verdadeiro acontecimento editorial.

Com efeito, num país em que, por razões que não vem ao caso analisar, a produção de trabalhos da especialidade é extremamente pobre e a tradução da bibliografia estrangeira praticamente não existe, a publicação da obra de J. Gascuel deve ser devidamente festejada.

E tal deve-se não só ao facto de este manual ser de grande qualidade e vir preencher uma enorme lacuna, mas sobretudo porque se trata de um lançamento de grande oportunidade, num momento em que a rede nacional de bibliotecas públicas ensaia os primeiros passos.

Os instrumentos legislativos necessários e as medidas orçamentais adequadas para a criação de verdadeiras bibliotecas de leitura pública são já uma realidade e a resposta dos municí-

pios ao desafio lançado pela Secretaria de Estado da Cultura, através do Instituto Português do Livro e da Leitura, foi extremamente positiva.

Mas, devemos reconhecer, a experiência e os conhecimentos dos bibliotecários (e dos arquitectos) portugueses no que diz respeito à concepção, à criação, à organização e mesmo ao funcionamento de uma biblioteca de leitura pública são, sem motivo para surpresas, reduzidos.

Daí a importância excepcional deste livro, escrito por uma bibliotecária francesa com sólidos conhecimentos teóricos, larga experiência de trabalho no terreno e um alto sentido crítico, com o qual a autora não pretende dar receitas, mas antes levantar questões e apresentar exemplos.

Como conceber um espaço para o livro na nossa sociedade — um espaço aberto a todos e de que todos possam usufruir, onde todos possam encontrar a resposta, as interrogações ou o prazer que o livro (e outros suportes de informação) podem proporcionar, é a grande questão que se apresenta actualmente aos bibliotecários portugueses mais voltados para a leitura pública.

A primeira lição que devemos tirar de J. Gascuel é a autêntica profissão de fé que a autora faz da importância do bibliotecário, da sua competência técnica e do papel insubstituível que terá obrigatoriamente que desempenhar na equipa, composta pelo arquitecto, pelo director da obra e pelo autarca, que se propõe criar uma nova biblioteca.

(1) GASCUEL, Jacqueline — *Um espaço para o livro: como criar, animar ou renovar uma biblioteca*. Lisboa, D. Quixote, 1987. Tradução de Maria Inês Barroso.

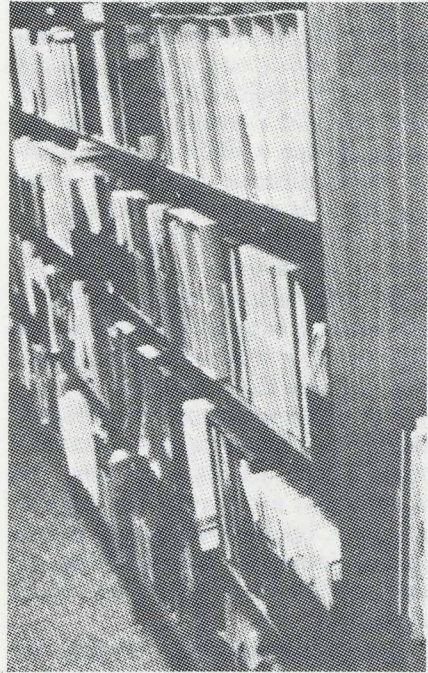
Falando de bibliotecas públicas, a autora começa por referir qual a sua verdadeira razão de ser — isto é, a leitura, definida como um prazer e uma necessidade, o que provoca diferentes motivações e comportamentos do público perante o livro.

Antes de frequentar a biblioteca, é preciso saber ler ou ter algum contacto com o livro. A criança leitora é assim objecto primeiro de análise, mostrando-se como ela pode ser motivada e cativada. Naturalmente, aos adultos e às suas necessidades culturais, de informação ou de ocupação dos tempos livres é reservada uma atenção especial, não esquecendo que os audiovisuais e a informática já possuem direitos de cidadania nas novas bibliotecas. Finalmente, para conservar ou conquistar leitores, é necessário considerar a biblioteca como um local de animação, «um equipamento básico da vida cultural local» (p. 35).

A partir do capítulo II, J. Gascuel entra directamente no estudo do aspecto físico e na definição de espaços da biblioteca: o que se oferece, como se oferece, como se podem utilizar e rentabilizar os seus fundos documentais, tendo sempre como ponto de partida tanto os leitores como o pessoal.

O mobiliário tem uma função importante na biblioteca, pela comodidade, pelo conforto, pelas condições de trabalho que proporciona, podendo tornar a biblioteca mais convidativa e acolhedora. Nas crianças, o prazer da leitura pode ser ampliado, com alguma imaginação, na concepção do mobiliário, mas quanto aos adultos a comodidade (nas cadeiras) e o espaço disponível (nas mesas) são pontos a não descurar.

No capítulo II, sobre o mobiliário e os leitores que o utilizam, e no capítulo IV, essencialmente dedicado às



estantes para os diversos tipos de documentos que a biblioteca oferece aos seus utilizadores, J. Gascuel recorre aos números, aos dados técnicos quantificados que as normas francesas, mas também a sua experiência, aconselham. Assim fala-nos na altura das cadeiras, nas medidas das mesas de trabalho, no número de lugares sentados relativamente ao número de documentos, na área e equipamento dos locais destinados à animação, na altura e no espaçamento das estantes, na dimensão das prateleiras, na implantação e capacidade de todo o mobiliário.

São os leitores que justificam a existência de uma biblioteca pública, mas são as colecções que atraem o público às bibliotecas. Deste modo, no capítulo III a autora refere os diversos tipos de documentos (impressos, audiovisuais e gráficos) que a biblioteca deve

possuir, como deve ser feita a sua arrumação e difusão, completando as páginas dedicadas a este tema no capítulo V, em que dedica alguma atenção à sua protecção e conservação, não esquecendo que o público, para consultar os documentos precisa de certas condições de conforto e segurança.

De reter, p. ex., as páginas que dedica à apresentação dos livros aos leitores, recorrendo à comparação com o que fazem as livrarias e às «técnicas de promoção» do livro por elas utilizadas. São sumariamente descritos p. ex., vários modelos especiais de mobiliário destinados à apresentação da banda desenhada, dos jornais e revistas, dos audiovisuais e outro tipo de material não livro, referindo-se também aquele que se destina à informação dos leitores (ficheiros), à publicidade ou às exposições.

Apesar de se pretender que os livros sejam lidos, usados, não se pode descurar o problema da sua conservação e protecção, até porque muitas bibliotecas públicas possuem um património documental de valor. O combate contra o pó e o fogo, a luta contra o roubo e a degradação dos documentos são uma preocupação constante dos bibliotecários, a que J. Gascuel presta a devida atenção no capítulo V, referindo alguns meios de combater os primeiros factores e enunciando processos hoje utilizados que permitem a detecção dos roubos e facilitam a gestão dos empréstimos.

Uma biblioteca, para funcionar eficazmente, necessita de pessoal competente, com formação profissional adequada e ao qual sejam proporcionadas melhores condições de trabalho. Por isso os serviços internos de uma biblioteca são o objecto do capítulo VI («Não esquecer o serviço!»), no qual se definem as tarefas de cada funcio-

nário, de acordo com as suas qualificações e o modo como o trabalho deve ser organizado.

Conjugando todos estes elementos, temos uma biblioteca apta a receber o seu público. Mas como funciona, como se interrelacionam os seus diversos sectores, como se poderão servir dela os leitores? A biblioteca é um espaço para o livro, mas também para os seus utilizadores e para os que nela trabalham — «um único espaço», afinal, cujo funcionamento nos é explicado através de plantas e organigramas no capítulo VII.

A rede de leitura pública e a sua integração nos agregados populacionais e alguns projectos novos para atrair novos públicos ao livro (*a imaginação ao poder!*) são apresentados nos últimos capítulos, sendo o derradeiro dedicado à definição do que deverá ser o projecto de uma biblioteca municipal, desde a elaboração do programa à responsabilidade partilhada pelos seus diversos intervenientes.

Certamente muito mais haveria a dizer sobre este excelente e, para nós, imprescindível manual de J. Gascuel. Cada bibliotecário, cada arquitecto fará a sua leitura e reterá o que lhe parecer mais importante ou útil para mudar a imagem e a eficácia da biblioteca pública.

Se pretendermos criar bibliotecas verdadeiramente novas, com fundos enciclopédicos e actualizados, livre acesso, empréstimo domiciliário e actividades regulares de animação e, através delas, promover o acesso aos bens culturais e alterar radicalmente os hábitos de leitura dos portugueses, teremos de recorrer constantemente, mas sempre com espírito crítico, dada a nossa particular situação, a este livro que, significativamente foi editado com o apoio da BAD.